

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ANA PAOLA DA SILVA SALGADO ARAUJO

**DA IMPRENSA DE GUTENBERG AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA:
“UMA REVOLUÇÃO NO CONHECIMENTO”**

RIO DE JANEIRO

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ANA PAOLA DA SILVA SALGADO ARAUJO

**DA IMPRENSA DE GUTENBERG AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA:
“UMA REVOLUÇÃO NO CONHECIMENTO”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Biblioteconomia e Gestão de
Unidades de Informação da
UFRJ, como requisito para a
obtenção do grau de bacharel em
Biblioteconomia

Orientador: Prof. Antonio José B. de Oliveira
Co-orientador: Prof.^a Maria de Fátima Borges G. de Miranda

RIO DE JANEIRO

2010

A658 Araujo, Ana Paola da Silva Salgado

Da imprensa de Gutenberg aos meios de comunicação de massa: “uma revolução no conhecimento” / Ana Paola da Silva Salgado Araújo; orientador: Antonio José Barbosa de Oliveira. – Rio de Janeiro, 2010.

32f.

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da UFRJ, para obtenção do grau de bacharel.

1. Imprensa 2. Comunicação de massa. 3. Disseminação da informação. I. Título.

CDD 302.234

ANA PAOLA DA SILVA SALGADO ARAUJO

DA IMPRENSA DE GUTENBERG AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA:
“UMA REVOLUÇÃO NO CONHECIMENTO”

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado ao Curso de Biblioteconomia e
Gestão de Unidades de Informação, da
UFRJ, como requisito parcial à obtenção do
grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms Antonio José Barbosa de Oliveira - Orientador
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Ms Maria de Fátima Borges Gonçalves de Miranda - Co-orientadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Sebastião Amoedo de Barros - Convidado
Universidade Federal do Rio de Janeiro

A Deus, que está proporcionando este momento único na minha vida
Á Eunice e Aluisio, que são a base para a construção do meu futuro
Ao meu orientador, que me ajudou a tornar possível esse trabalho
Aos meus amigos, que sempre estão ao meu lado nos momentos felizes e tristes
E a mim, por conseguir força em levar a frente todos os meus objetivos

RESUMO

ARAUJO, Ana Paola da Silva Salgado. **Da imprensa de Gutenberg aos meios de comunicação de massa: “uma revolução no conhecimento”**. 2010. Trabalho de conclusão de curso do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Aborda o processo histórico da organização e difusão da informação, partindo da tipografia mecânica de Gutemberg até os dias atuais. Traça as principais características e conseqüências da tecnologia tipográfica, a importância da palavra escrita e impressa durante a Modernidade e na construção do conhecimento que caracterizaram a sociedade ocidental. Ao refletir sobre os meios de comunicação de massa, que promoveram outra revolução na informação durante o século XX, procurou-se trazer novas percepções sobre outras dimensões do registro e da difusão da informação: agora não só a palavra escrita, como também a imagem e a propagação do som se transformam em informação. A cada inovação, a relação tempo, espaço e materialidade foram sendo relativizados. Procura refletir, também, sobre os novos papéis que as bibliotecas e as unidades de informação têm diante das novas tecnologias, novos suportes e novas culturas que advêm da revolução informacional promovida pelo desenvolvimento da tecnologia eletrônica, mostrando também o papel importante ocupado pelo profissional da informação, que nessa nova conjuntura, volta seu trabalho em melhorar os serviços de disseminação de informações e para atender às necessidades dos seus usuários.

Palavras – chave: Imprensa. Meios de comunicação de massa. Difusão da informação.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OBJETIVOS	10
2.1	<i>Objetivo geral</i>	10
2.2	<i>Objetivo específico</i>	10
3	METODOLOGIA	10
4	OS MARCOS HISTÓRICOS E SEUS CONTEXTOS NA “REVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO”	11
4.1	<i>Passeando pela escrita e a chegada da imprensa</i>	11
4.2	<i>A difusão da indústria jornalística, aos meios de comunicação de massa e a era eletrônica</i>	17
4.3	<i>Novos desafios das bibliotecas diante da conjuntura contemporânea</i>	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

O quadro amplo que será estudado é a difusão da informação impressa, desde seus primórdios aos dias atuais. A análise será feita por um levantamento histórico de forma abrangente e panorâmica de seis séculos, desde a invenção da imprensa por Gutenberg, passando aos meios de comunicação de massa, até os dias atuais.

Sabe-se que a voz humana é o meio de informação mais rico do universo da comunicação (McLuhan, 1972 *apud* McGarry, 1999, p. 68). Contudo, com as mudanças políticas no início da Europa moderna era preciso uma nova forma de chamar a atenção das pessoas para esses acontecimentos do momento. A sociedade, antes dependente exclusivamente da oralidade e do manuscrito para a difusão de informações, viu-se diante da necessidade de uma forma complementar que agilizasse o registro e transmissão da informação. Logo, após a impressão dos primeiros livros, também foi adotada a utilização de panfletos, contribuindo para a realização e ampliação de debates públicos (de natureza política e religiosa). Desde seus primeiros tempos, a imprensa de Gutenberg mostrou-se potencialmente “perigosa”, com potencialidades “subversivas” à ordem instituída na Europa Medieval.

No século XV, Gutenberg deu início, com a sua revolução da prensa gráfica a partir de tipos móveis, a uma nova forma de materialização da escrita. Com suas idéias e diversas expressões possibilitaram a grande difusão da informação em escala crescente, até culminar, a partir do século XVIII, numa escala industrial. Tal fato colocou em xeque a hegemonia sobre o controle da informação pelos Estados Absolutistas e pela Igreja Católica, além de influenciar momentos posteriores, como no século XVIII, em que os homens viam a circulação do escrito como uma condição de progresso e promovendo uma igualdade na discussão de idéias e propósitos no contexto do Liberalismo.

A imprensa também influenciou o mercado de produção de livros. A nova técnica expandiu e codificou as literaturas vernaculares da Europa, ou seja, além de possibilitar o aumento no número de exemplares, também ocasionou mudanças no conteúdo, diminuindo a importância do latim e difundindo também as línguas nacionais, trazendo transformações para os

intelectuais do momento. Todavia, isso causou o problema da superfluidade, pois se produziram tantos livros que não sobrava tempo nem para ler os títulos destes.

A invenção da imprensa teve participação na expansão do conhecimento através do surgimento dos meios de comunicação de massa que, à medida que se desenvolvem, provocam transformações sem precedentes, uma revolução cultural, trazendo reflexos, inclusive, nas relações econômicas locais e internacionais. Por isso, ela foi considerada um agente de mudança, pois escritores, impressores e leitores a usaram de acordo com seus objetivos e como um agente catalisador, ajudando nas mudanças sociais mais do que as originando.

As mudanças no meio midiático aconteceram aos poucos porque, por algum tempo, existiu a resistência por parte da Igreja e grande parte da população não sabia nem ler e escrever. A difusão da imprensa a partir de Gutenberg e o desenvolvimento dos outros meios de comunicação (cartas, jornais, telégrafo, telefone, televisão e internet) a partir da Revolução Industrial no século XIX e da indústria de comunicação de massa, no século XX, ajudaram a acelerar o processo de disseminação da informação no mundo ocidental, contribuindo para o nascimento do pensamento crítico e consolidando a opinião pública, já existia, embora não tendo muito destaque.

Segundo Chartier (1998, p.117), a era eletrônica contribuiu para que formasse uma nova concepção do papel da biblioteca. O pensamento de que a biblioteca torna-se imaginável (ou possível), sem que todos os livros estejam reunidos num mesmo espaço. Esse pensamento demonstra a contradição entre o mundo fechado das coleções e o eterno universo da escrita perde seu caráter inelutável. Porém, as redes eletrônicas trazem a oportunidade da comunicação à distância, livre e imediata, sendo uma forma da humanidade intercambiar seus saberes, informações e julgamentos.

Este trabalho de conclusão de curso visa uma reflexão de como esses grandes acontecimentos atingiram a esfera mundial, seus pontos positivos e negativos, percebendo, através de uma visão histórica, como se chegou a essa “era da informação”, com o livro impresso e as novas

tecnologias, bem como às particularidades de cada meio de comunicação de massa, seus diversos suportes materiais e eletrônicos.

Sendo assim, pode-se perceber que tanto a invenção da imprensa quanto a evolução dos meios de comunicação de massa e a decorrente revolução do conhecimento são marcos importantes que transformaram a humanidade. Neste trabalho pretende-se, mesmo que numa visão panorâmica e não aprofundada, considerando a extensão temporal e a complexidade dos diversos meios, perceber sobre a trajetória histórica da concepção dos recursos informacionais, pelos meios de comunicação, considerando que estes são instrumentos de configuração do mundo ocidental social.

2 OBJETIVOS

O presente trabalho norteia o desafio de trabalhar o tema, diante de um grande recorte temporal. Logo, abaixo os seguintes objetivos.

2.1 Objetivo geral

O estudo da trajetória dos meios informacionais, da imprensa de Gutenberg ao mundo virtual da web 2.0.

2.2 Objetivos específicos

- a) Perceber o processo de surgimento da imprensa, como marco da revolução da informação;
- b) Contextualizar os novos recursos informacionais midiáticos a partir do fenômeno da indústria cultural de massa;
- c) Perceber as transformações decorrentes da informação virtual, com foco na web 2.0.
- d) As novas realidades das bibliotecas perante esses acontecimentos e mudanças que podem acontecer nelas e em centros de informação similares.

3 METODOLOGIA

A metodologia que será utilizada para o cumprimento dos objetivos desse trabalho de conclusão de curso é a pesquisa bibliográfica qualitativa e de caráter exploratório, traçando uma linha do tempo imaginária para a abordagem dos marcos estudados. Essa abordagem será panorâmica, procurando destacar os principais aspectos e relacioná-los ao estudo de transmissão e disseminação de informação e conhecimento, além de consultas à rede, a fim de ratificar exemplos e/ou estudos de casos mencionados pelos autores citados.

4 OS MARCOS E SEUS CONTEXTOS NA “REVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO”

Para se chegar a essa revolução do conhecimento, precisa-se saber o processo do surgimento da imprensa, ocasionando toda essa explosão de informações. Como esses grandes marcos influenciaram o nascimento dos novos recursos informacionais e a decorrente “era eletrônica” (informação virtual), deixando marcas até os dias atuais. Através desses questionamentos, a análise de cada momento é relevante para se perceber o avanço do mundo ocidental.

4.1 Passeando pela escrita, a chegada e a difusão da imprensa

Os períodos que compreendem o surgimento da escrita e a chegada da imprensa tiveram grande relevância para a transformação do mundo ocidental. Cada evento teve importância na configuração dos meios de comunicação, contribuíram para seu avanço e influenciaram a constituição da “era da informação”.

A criação da escrita se consolidou com surgimento do alfabeto, que é considerado a maior invenção do homem (Mc Garry, 1999, p 72). Ele deu origem à forma de escrita ideográfica que influenciou os sistemas de comunicação, que segundo Mc Garry (1999, p. 73-74) possibilitou aos humanos comunicar idéias por meio de signos visuais, mas também criar um registro permanente desses signos.

Logo, a escrita é um meio de reestruturação dos nossos pensamentos, fazendo com que estes sejam mais bem expressos e organizados. Isso se evidencia, pois o alfabeto e a conseqüente técnica de escrever possibilitaram o registro dos acontecimentos importantes, doutrinas religiosas, com o intuito de se criar uma memória externa e esta ser armazenada em templos e posteriormente em bibliotecas.

O período que compreende a ascensão da escrita trouxe o universo das tabulas de argila, rolos de papiro, pergaminhos, códices e os manuscritos iluminados das bibliotecas dos mosteiros, que coexistiram com costumes de pensamento e comportamento basicamente orais. Logo, nota-se que em nenhum momento a comunicação oral deixou de existir, pelo contrário, ela sempre esteve presente perante a palavra impressa, com o mesmo propósito de promover a comunicação e disseminação de informações entre as pessoas.

A escrita, como um grande marco da comunicação, possibilitou o crescimento das cidades-Estado, tinha o objetivo do registro, estimular a memória individual e intermediar as mensagens das atividades do cotidiano das comunidades, fazendo surgir o mundo do estudo sistemático e da burocracia. Mc Garry dá base à afirmação anterior na seguinte passagem:

A história remota da comunicação mediada inclui bastões com entalhes, cordas com nós e outros métodos engenhosos para estimular a memória individual ou intermediar mensagens nas atividades cotidianas da vida comunitária. A invenção do alfabeto não somente permitiu à humanidade comunicar ideias por meio de signos visuais, mas também criar um registro permanente destes signos e assim criar uma memória externa. [...] e esta memória pode ser armazenada, no início em templos e mais tarde em bibliotecas. [...] A escrita criou o mundo do estudo sistemático e da burocracia. (MC GARRY, 1999, p. 73-74)

Como inovação, a escrita foi um componente importante para os avanços culturais e tecnológicos ocorridos durante o século XV. Esse contexto demandava um novo meio de comunicação, pois crescia o número de universidades na Europa, causando aumentos contínuos no número de estudantes e trazendo consigo efeitos nas técnicas pedagógicas. E os métodos de ensino, naquele tempo, baseavam-se apenas no livro, que era o único meio de armazenamento e transmissão de informações, além de permitir a circulação de registros e uma melhor centralização na organização das cidades - Estados.

Esse marco trouxe a base para a valorização e difusão do letramento, um fenômeno ocorrido na Europa protestante. Com o letramento acontecendo em decorrência da difusão da escrita, aumentou o contingente de pessoas ligadas a profissões que englobavam a técnica de escrever, como contadores, escrivães, carteiros, escritores públicos, entre outros. Assim, através da leitura e da escrita, estimulou-se um sentimento de distanciamento entre passado e presente.

O letramento também trouxe resultados significativos para o povo europeu naquele momento em que viviam. Ele possibilitou a disseminação dos registros escritos e a escrita passou a ser usada continuamente nos processos administrativos, pois era a condição necessária para um controle a distância, e assim permitir o desenvolvimento de um Estado centralizado.

A imprensa não foi uma técnica européia, já tinha sido desenvolvida no Oriente. A China e a Coreia fabricavam livros há bastante tempo e isso fez com que o processo de fabricação do papel fosse absorvido pelo Ocidente. Dessa forma, a técnica se tornou tão forte que espalhou o poder e influência da Europa pelo mundo, permitindo certa dominação cultural. Conforme Martins (2002, p. 127), é preciso fazer a distinção da arte de imprimir da tipografia, que se prende, ao contrário daquela, à história do livro e da imprensa, no sentido correto da expressão, por que:

[...] Segundo tudo se indica, as *técnicas tipográficas* eram praticadas na China desde o segundo século da nossa era e na Europa desde a segunda metade do século XIII, surgiram de outras preocupações, de um *estado de espírito* diferente do que provocara, na Antiguidade, a produção de selos, anéis, medalhas e moedas. Com efeito, é impossível confundir simples inscrições em metal, e mesmo em argila (como as que constituíam os livros das bibliotecas mesopotâmicas), que pertencem, sem dúvida, à arte de imprimir no seu sentido lato, com o processo de imprensa, inventados independentemente das primeiras e visando finalidades completamente diferentes: “a imprensa não consiste somente num sinal qualquer sobre o papiro, pergaminho ou papel, mas também e, sobretudo na reprodução rápida e ilimitada da escrita ou da palavra”. [...] (MARTINS, 2002, p. 127)

Entretanto, nem todos os países europeus viveram essa inovação no mesmo momento. Exemplo da Rússia, que teve a revolução da imprensa tardia, pois ela não tinha as condições sociais e culturais favoráveis para se disseminar. A falta de uma população laica e letrada no país russo foi obstáculo na aparição da cultura impressa.

Mas também, houve casos de países que resistiram a essa inovação, como o caso dos países de religião muçulmana. O povo muçulmano acreditava ser pecado a impressão de livros religiosos, isso era considerado heresia e tinha a morte como punição dessa prática. A impressão de livros seculares foi somente permitida posteriormente, mas mesmo assim foram em poucas quantidades.

Johann Gutenberg, que vivia na Mogúncia e tinha a profissão de ourives, começou a desenvolver uma idéia de que deveria existir algo que pudesse produzir em série, com uma base tecnológica e uma divisão especializada do trabalho. Porém, ele precisava de capital para os investimentos, pois produzir informação já era considerado mercadoria.

Nesse contexto, Gutenberg promove uma “reinvenção” da imprensa¹ que foi definida por Mc Garry (1999, p. 75) como o mecanismo de juntar tipos móveis de metal, cada um possuindo na extremidade superior um caráter alfabético em relevo, que, ao ser entintado e pressionado sobre material adequado, deixa uma marca ou impressão. Portanto, a imprensa veio com o intuito de suprir certas necessidades que existiam naquele momento.

O pensamento registrado teve grande crescimento, mas era preciso uma nova maneira de conservá-los, porque os poucos manuscritos que ainda existiam podiam cair no esquecimento da comunidade acadêmica ou se perderem pela falta dos cuidados necessários, logo idéias registradas tinham mais chances de sobreviverem em um milheiro de exemplares do que em uma cadeia de manuscritos. Mas, esses propósitos só foram levados em consideração ao longo do tempo e, principalmente, porque as pessoas viam a imprensa como meio de expressarem suas manifestações.

A imprensa também pode ser vista à luz da opinião de Smalls *apud* Mc Garry (1999, p. 80), em que ela é a multiplicação da mente, a fértil matriz de um mercado de idéias em eterna expansão e de acordo com Briggs e Burke (2004, p. 26) como o marco do progresso da mente humana. Os mercados, porém, implicam em competição e nesses contextos, as culturas mais fracas devem necessariamente ser assimiladas ou desaparecer. Pode-se concluir que a palavra escrita, potencializada pela palavra impressa, acabará por homogeneizar as culturas, fazendo com que muitas que não tenham registro escrito acabem por desaparecer.

A imprensa também trouxe efeitos na produção editorial, fazendo com que aumentasse o número de exemplares de livros, e como consequência positiva o aumento na quantidade de vendedores e bibliotecários. Além disso, os conteúdos desses livros também sofreram transformações; antes eram somente de caráter teológico, mas passaram a obter as idéias das novas ciências. Vistos esses acontecimentos, o material impresso tornou-se parte importante da cultura popular da época, pois facilitou mais do que nunca a tarefa de encontrar informações. No entanto, existia o

Como foi explicitada anteriormente, a imprensa foi uma técnica desenvolvida inicialmente pelos chineses, por isso o uso do termo reinvenção.

problema do acesso, pois os leitores não tinham como saber se o livro que queriam tinha naquela biblioteca. A partir daí, as bibliotecas começaram a produzir catálogos e a imprimi-los (Briggs e Burke, 2002).

Outro ponto importante a destacar é a questão de estabilidade do conhecimento. Com o desenvolvimento da impressão gráfica, permitiu-se uma maior acumulação de conhecimento, pois a palavra impressa ajudava a difundir as descobertas mais amplamente e a informação era mais difícil de ser perdida e, conseqüentemente, podia ser conservada e acumulada no decorrer de gerações sucessivas. Mas também a nova técnica desestabilizava o conhecimento, à medida que os leitores se tornavam mais conscientes da existência de histórias e interpretações conflitantes.

Com isso, a impressão gráfica foi uma tecnologia empregada por indivíduos com propósitos distintos em diversos locais. Essa inovação estimulou o surgimento dos textos fixos, no entanto não se sabia se a nova técnica tinha confiabilidade, por isso a fixação de conhecimento permitida pela fixação de textos através da impressão gráfica foi algo mais relativo do que absoluto. Tal fato fez com que surgisse a necessidade de se estudar os usos do novo meio em contextos culturais e sociais diferentes (Briggs e Burke, 2004, p. 73-74).

Não se pode deixar de destacar momentos na evolução da humanidade que contribuíram para tudo que já foi dito até agora, além das próximas argumentações que serão feitas. Em meio a conflitos na Europa, também se destaca como a mídia era controlada e que se tornava mais eficiente o cerceamento de críticas públicas ao regime da época. Esse panorama passou por mudanças bruscas a partir da “Revolução das Luzes”.

Essa revolução promoveu uma grande mudança de pensamento, em que a mídia foi usada com o propósito educacional e trouxe novas inovações à população, como a enciclopédia. Esse veículo de informação e conhecimento foi importante para a política, pois também fazia com que as pessoas tivessem consciência da política e é um meio de disseminação de conhecimentos.

Com a Revolução Francesa, essa reviravolta da mídia se intensificou, pois a imprensa livre ganhou muita força para se consolidar. As notícias a serem publicadas se multiplicaram e a

quantidade de leitores teve grande crescimento. Portanto, conclui-se que a consciência política foi estimulada por um sistema de comunicação que abrange palestras, imagens e festivais e os materiais impressos, fazendo com que surgisse o termo “a lógica da impressão gráfica”, como consequência da difusão de material impresso como jornais e panfletos.

O contexto que foi abordado até o momento, demonstrou que todos os acontecimentos tiveram relevância para a constituição de cada meio informacional, mas ainda não é tudo isso que desvendou os “mistérios” dos meios de se transmitir informação e conhecimento e como organizá-los e gerenciá-los de maneira eficiente. A seguir, continuando numa linha do tempo imaginária, pretende-se dissertar sobre esses meios de comunicação e, através deles, a chegada ao mundo virtual da web 2.0, mostrando ferramentas de organização da informação e conhecimento.

4.2 A difusão da indústria jornalística, aos meios de comunicação de massa e a era eletrônica

O surgimento e disseminação dos meios de comunicação de massa que são conhecidos atualmente estão atrelados as mudanças na organização das Cidades – Estados. As atividades comerciais impulsionadas pela expansão marítima e colonizadora, no renascimento, demandaram por informações de caráter econômico nunca antes registrado. Assim, percebe-se que a necessidade de trocar informações com os mais variados objetivos é tão antiga quanto o fenômeno da civilização.

A difusão dos meios de comunicação e informacional está intimamente ligada à construção de estradas de ferro, ao advento da era do vapor, logo uma ampliação no sistema de transportes. Segundo Mc Garry (1999, p. 89), a construção das estradas de ferro aperfeiçoou a distribuição de jornais e a expansão comercial, possibilitando também o transporte de livros e cartas. Mesmo sem a existência dos termos “mídia” ou “meio de comunicação”, era preciso uma maneira de publicações chegarem a seus leitores. Com isso, os livreiros eram os intermediadores entre escritores e leitores, e assim se constituía um sentimento de “mercado” já predominante implicitamente.

O sistema postal foi definido por Briggs e Burke (2004) no seguinte contexto:

[...] As ferrovias e os navios transportavam não somente pessoas e mercadorias entre as zonas de tempo, mas também cartas – modo indispensável de comunicação, tanto nacional quanto internacional. No fim do século também transportavam cartões-postais. Os primeiros cartões-postais oficiais, “papéis abertos de carta, foram introduzidos na Áustria em 1869, e na Alemanha e na Grã-Bretanha em 1870. Eles levantaram questões específicas, como a privacidade, relevantes para outros meios de comunicação: Por que escrever informação privada em um pedaço de cartão que pode ser lido por meia dúzia de pessoas antes de chegar ao seu destino? “Não interessavam se seriam lidos ou não, principalmente depois que os cartões postais ilustrados começaram a ser usados, na década seguinte, sobretudo na França, Alemanha e Suíça. O que seria escrito neles tornou-se cada vez mais padronizado. [...] (BRIGGS, BURKE, 2004; p. 134)

Assim, escrever cartas era um privilégio das classes altas, pois era um passatempo caro, mas também uma prática que aproximava famílias de seus entes queridos, além de fazer parte de políticas governamentais, como uma instrução de ajudar a liberar o mercado de trabalho e facilitar a emigração (rural para os centros industriais e para o exterior).

As publicações periódicas antecederam ao jornal propriamente dito. Em meados do século XV vieram os primeiros impressos periódicos que eram almanaques contendo informações diversas. Mais tarde no final do século XVI, na Alemanha, apareceram as primeiras folhas periódicas contendo notícias variadas sobre o dia-a-dia das regiões. Já o século XVII é marcado pelo advento dos jornais², é um período marcado pela expansão do comércio mundial, cujo centro mercantil era a Europa. Na Itália surgem as “gazettes”³, folhas impressas com informações comerciais. Nessa época, era comum descrever os jornais como máquinas sociais, com ênfase não só no vapor, mas no seu poder sobre a opinião pública.

Com esse desenvolvimento do jornal, o problema da censura se acentuou mais. Na Inglaterra, a censura ocorreu pelos atos governamentais, como o da obrigatoriedade de selo para distribuição e circulação de jornais. Assim, o custo da autorização para circular era alto e isso impedia a sobrevivência dos jornais. Já Portugal, proibia a circulação de publicações em sua área colonial, porque a censura era uma forma de controlar a disseminação sem controle de informações impressas, o que já havia acontecido na Europa em contextos como a Reforma Religiosa.

A indústria da palavra impressa trouxe consigo a necessidade de novos recursos para a difusão da informação, principalmente com a expansão da indústria bélica. Com isso, escrita, imagem e o som foram incorporados, e assim, a conseqüente integralização do telégrafo, que foi considerado na época um canal de comunicação mutuamente auxiliar, pois:

[...] Em um contexto militar – sempre crítico na história das telecomunicações - , a telegrafia elétrica afetou o planejamento e as operações, tanto na terra quanto no mar, assim como a telegrafia por meio de sinais fizera durante as guerras revolucionárias e napoleônicas. As mensagens telegráficas foram organizadas em “cadeias de comando” e ordens “gerais” e “especiais. [...] (BRIGGS, BURKE, 2004, p. 140)

² Nesse momento também se consolidou o jornalismo e os jornais tiveram destaque no mesmo momento que o sistema postal.

³ Essa palavra origina a palavra gazeta, que é sinônimo de jornal. “Gazette” também era a fração monetária da época.

Além disso, de acordo com Briggs e Burke (2004, p. 144), o telégrafo foi uma importante fonte de unificação de terras distantes, levando mais mensagens por quilômetro do que na Europa continental. Essa inovação é de grande relevância, pois ainda baseado no pensamento de Briggs e Burke (2004):

[...] Como os canais, ferrovias e ligações oceânicas, também o telégrafo ligou mercados nacionais e internacionais, incluindo bolsas de valores e de mercadorias (algodão, trigo e peixe, por exemplo). Também aumentou a velocidade de transmissão de informação, pública e privada, local e regional, nacional e imperial, e essa característica, a longo prazo, foi seu efeito mais significativo. A distância ia sendo conquistada à medida que se transmitiam informações relativas a governos, negócios, assuntos familiares, condições climáticas e desastres naturais ou provocados pelo homem, a maior parte delas como notícias. [...] (BRIGGS, BURKE, 2004, p. 139)

A inovação e renovação trazidas com o advento do telégrafo contribuíram para que outro meio tomasse um pouco do seu espaço construído. Assim, inicialmente o telefone foi associado ao entretenimento para audiências dispersas e à comunicação ponto a ponto entre indivíduos. Talvez por essa razão, o telefone deve figurar como mais importante que o telégrafo na pré-história da radiodifusão (Briggs e Burke, 2004, p. 150).

Contudo, essa nova invenção tinha aspectos negativos, mas ao mesmo tempo positivos. Segundo a visão de Briggs e Burke (2004, p. 152), o telefone facilitava descentralização, permitindo que famílias dispersas se comunicassem mais facilmente, tornando as fazendas menos isoladas e mudando métodos de marketing, práticas médicas, políticas e jornalísticas. Mas também o telefone levaria a “uma nova organização da sociedade” – um estado de coisas em que qualquer indivíduo, mesmo completamente isolado, poderá ligar para qualquer outro indivíduo da comunidade, poupando infindáveis complicações sociais e comerciais, sem necessidade de idas e vindas, além da mudança nos hábitos sociais, sobretudo os das mulheres, logo felizes “para conversar ao telefone”. Na verdade houve uma emergente “linguagem e cultura eletrônica”.

Outro meio emergente foi à fotografia que também veio como uma forma de informação compactada. Ela abrange todos os processos úteis para a produção de imagens em materiais sensíveis. No começo, a fotografia era arte e diversão para amadores, contudo uniu-se a impressão nas técnicas de ilustrar livros e do fotojornalismo. Agora, o registro visual de um

evento podia ser transmitido entre gerações, assim como a palavra falada fora ultrapassada na escrita.

Nesse contexto, nota-se que as grandes mudanças culturais iam acontecendo aos poucos, em concomitância com os conflitos e embates entre as nações mundiais. Através disso, via-se que os recursos de disseminação da informação eram limitados e existia uma necessidade de renovação, quanto mais às nações passassem a ter controle dessas inovações, poderiam constituir um poder, poderia ter em mãos “artefatos” para destruir o inimigo numa guerra, por exemplo. Com isso, somada à escrita, imagem e som vêm com o propósito de se incorporar a expansão da indústria de massa.

Visto que ocorre a junção desses elementos (imagem e som), a indústria da comunicação dá mais um passo e o rádio é um novo empreendimento, considerado o principal meio de entretenimento, com o noticiário vindo em segundo lugar, e tinha também posições diferentes sobre transmissões religiosas e políticas (incluindo as eleições). Além disso, era a principal forma de entretenimento apresentada antes da guerra e tinha o nome de “variedades”, descrito em 1934 pelo jornal *The times* como “o pão com manteiga da radiodifusão”. (Briggs e Burke, 2004, p. 222-226)

O rádio tinha importância quando se tratava da educação, pois transmitiu uma educação formal. E estimulava passatempos, como a leitura. Os bibliotecários em geral julgavam-no um aliado e não um adversário. Um programa radiofônico podia provocar uma corrida às livrarias ou bibliotecas (Briggs e Burke, 2004, p. 231-232). Nesse sentido, o rádio:

[...] alcançou toda a população, mesmo nos lugares mais remotos, e de modo diferente das outras mídias como a imprensa e o cinema. Em qualquer lugar, era “um bom companheiro”, consolando e entretendo, informando e educando, além de oferecer, em qualquer lugar, conforto para cegos, doentes, solitários e os que estavam confinados em suas casas. Na memória, pelo menos, as imagens que evocava subsistiam tanto quanto as palavras que oferecia. [...] (BRIGGS, BURKE, 2004, p. 230)

A capacidade de gravar, transmitir informações orais, visuais e auditivas aumentou ainda mais a “vazão desse rio até se tornar elegante dizer que estamos sendo ‘inundados’ por uma torrente de dados e informações”. Com isso, afirma-se que o mundo físico do século XIX se encolhia (Mc Garry, 1999, p. 91) e dá lugar a padrões absolutos, para regular o modo novo e rápido da

comunicação física, por conseguinte, essa padronização e precisão é que nutrem essas redes de comunicação, nacional e internacionalmente, conjuntamente com seus serviços e atividades industriais.

Com essas novas competências, após a ascensão do rádio, tem-se a introdução da “imagem em movimento” que foi considerada a maior alteração tecnológica do momento; contudo, antes que ela se tornasse usual existia o debate se a fotografia era uma forma de arte – antecipando discussões semelhantes sobre o cinema. (Briggs e Burke, 2004, p. 168). Nesse contexto, em sua forma original, a televisão não permitia aos usuários trocar para um canal internacional, como faziam os aparelhos de rádio, embora houvesse um crescente tráfego internacional de imagens. A produção e o controle das imagens nas telas da televisão estavam em mãos de cooperações que haviam trabalhado com o som antes das imagens, na época em que o cinema mostrava imagens sem som. E, além disso, o desenvolvimento da televisão dependia da câmera, a qual tem uma longa história atrás de si: a câmera obscura (câmera escura) fora durante séculos uma ferramenta para os artistas (Briggs e Burke, 2004, p. 165-166).

Todas essas implicações traziam o grande crescimento da televisão, pois começaram a surgir muitos programas mesmo que em menor número que no rádio, e havia sistemas com números de linhas diferentes. Agora, esses programas também eram transmitidos a qualquer tempo e de qualquer lugar, portanto a televisão se difundia, deixando poucos países fora de seu alcance.

A década de 1970 foi marcada por uma reorganização na estrutura da televisão. Diretores e até mesmo diretorias estavam sendo trocadas entre instituições, e os profissionais podiam mudar livremente de lugar. Os programas também podiam começar em um canal, ir para outro e em certos países só se permitia que uma voz fosse ouvida, e algumas figuras privilegiadas fossem vistas na tela. A única grande diferença parecia ser em relação às finanças. Ambas as partes se adaptaram às mudanças, até mesmo com a chegada da televisão em cores. (Briggs e Burke, 2004, p. 239-243). Sendo assim, Briggs e Burke (2004) mostram bem o que a televisão significou na seguinte passagem:

[...] a televisão provocou mais comentários e estimulou mais discussões (e mais charges) do que qualquer outra mídia na história, começando, talvez, com o comentário do *Daily Mirror* em 1950: “se você deixar um aparelho de televisão entrar por sua porta, a vida

jamais será a mesma”. É recomendável a opinião do norte-americano Ernie Kovac de que a televisão é um meio “porque não é raro nem bem-feito.” [...] (BRIGGS, BURKE, 2004, p. 243-244)

O domínio das mídias rádio e televisão foi chamado de “era da radiodifusão” e essa “revolução” foi usada deliberadamente para reforçar a identidade nacional, como já havia sido feito com a ampliação do sistema de transportes. A radiodifusão oferecia programas a uma grande e invisível audiência, independente de país, regime, agência e período. Por vários motivos, a maioria deles históricos, diversos países, usando basicamente a mesma tecnologia, não tinham a mesma gama de programação ou não exibiam o mesmo estilo. Mas, nem todos apresentavam alguma divisão operacional de trabalho, assim como na indústria de filmes (Briggs, Burke, 2004, p. 224).

Através dessas perspectivas, com o passar dos anos, o que foi chamado de “revolução” anteriormente, foi se acentuando ainda mais. A comunicação, a disseminação (transmissão) e a recuperação da informação foram se ampliando. Briggs e Burke (2004) abordam esse novo momento na seguinte passagem:

[...]o próprio Masuda assinalou mais uma delas quando, em um breve encontro chamado Globalização: o espírito de um novo Renascimento”, chamou a atenção para a globalização. “A informação não tem fronteiras naturais, Quando o espaço da informação se constituir, as atividades mundiais de comunicação entre cidadãos de todo o mundo ultrapassarão todas as fronteiras nacionais”. “Diferentemente do espaço geográfico convencional, ‘o espaço de informação global’ será conectado por redes de informação.[...] (BRIGGS, BURKE, 2004, p. 262)

Com esse pensamento, o crescimento da indústria da comunicação não iria parar na televisão. Posteriormente, no âmbito das inovações já conhecidas, algo vinha surgindo lentamente, mas que num futuro próximo seria de muita importância para a sociedade e para continuar o desenvolvimento do capitalismo. Mas inicialmente, é preciso retomar certo ponto de um passado não muito distante para se entender o porquê de uma nova mídia - que atualmente é considerada de extrema relevância – ultrapassar as já existentes.

Essa nova mídia é o computador e posteriormente a chegada da internet. O computador apareceu como uma necessidade, pois o mundo industrial precisava realizar cálculos com certa rapidez, os

governos controlavam, taxavam e policiavam populações de dimensões até então desconhecidas e o comércio expandiu o número de transações financeiras, além de uma grande quantidade de funcionários serem contratados para calcular os volumes de transações conduzidas pelas casas de comércio, bancos e companhias de seguro. Com isso, de acordo com Mc Garry (1999, p. 86), os computadores eram devoradores de números ou tanques de armazenamento, e seu potencial de comunicação era largamente ignorado. Os processadores de textos surgiram em 1964 na forma de máquinas de escrever eletrônicas com memória.

No entanto, os computadores também tiveram papel determinante na história mundial; eles já eram digitais e operacionais. Briggs e Burke (2004, p. 273) relatam que os primeiros computadores digitais eletrônicos operacionais foram planejados de ambos os lados do atlântico, para propósitos de guerra e da Guerra Fria.

No decorrer das décadas o computador foi tomando uma dimensão muito maior. Essa mídia eletrônica afetou as pessoas, não tanto pelo conteúdo, sobretudo por dissociar o lugar físico do social. Quando a população utiliza as mídias (telefone, rádio, televisão ou computador) como forma de comunicação, o que são fisicamente não mais define onde estão e nem quem são socialmente. Sendo assim, os computadores tiveram papel importante, pois:

[...] Os computadores serviam agora não somente como instrumentos de negócios, mas como “mola principal de toda uma gama de atividades de mídia” estimulando a imaginação da mesma forma como ocorrera com as locomotivas. Algumas vezes afetavam a mídia tradicional, e os impressos não constituíam exceção. O termo “livro eletrônico” foi cunhado por Andy van Dam. [...] enquanto isso, livros, revistas e jornais tradicionais eram cada vez mais editados, elaborados, impressos, e distribuídos de acordo com as rotinas de computador. [...] (BRIGGS, BURKE, 2004, p. 279)

Nesse processo de aceleração das tecnologias de comunicação, começou a ser desenvolvida uma rede que inicialmente era limitada, voltada para estudos acadêmicos, compartilhando informação com universidades e outros centros de pesquisa. Mas, logo se tornou a rede das redes e as pessoas tinham total acesso a ela. Apesar de ser uma rede “frouxa”, dependia das agências de comunicação.

Essa rede é a Arpanet e foi precursora da Internet. Conforme Briggs e Burke (2004, p.301) essa rede, em dois anos, já era totalmente operacional. As mensagens de email eram a base da comunicação, e nem todas tratavam de assuntos de defesa. O símbolo @ já estavam sendo adotado nos endereços e abreviações “com”, “mil” e “e” foram introduzidas para comercial, militar e educacional. Nesse sentido, informações podiam ser trocadas mais rapidamente e segundo Briggs e Burke (2004):

[...] Qualquer computador podia se ligar à Net de qualquer lugar, e a informação era trocada imediatamente, em “fatias” dentro de “pacotes”. O sistema de envio quebrava a informação em peças codificadas, e o sistema receptor juntava-a novamente, depois de ter viajado até seu destino. Esse foi o primeiro sistema de dados empacotados da história. [...] (BRIGGS, BURKE, 2004, p. 301)

A partir desses pressupostos citados anteriormente, a internet surgiu como consequência da aceleração da tecnologia de comunicação, desafiando provisões e trazendo consigo muitas surpresas. Com ela, uma nova fase se abriu atraindo interesses comerciais, mais cooperação internacional e um aumento no seu uso. Briggs e Burke (2004, p. 303) comentam que existiam muitas abordagens sobre seu futuro. Semelhante a mídia – e pela mídia – ela oferecia informação, entretenimento e educação, portanto o rápido crescimento da rede veio a encobrir muitos outros aspectos da história da mídia.

Todo panorama abordado nesse capítulo teve a intenção de mostrar como a indústria da comunicação foi crescendo e acabou por dominar a sociedade vigente. Cada vez mais a informação foi encontrando formas diferentes para se propagar, cada forma conservando suas especificidades e demandando novos conhecimentos para sua organização, quer seja nas formas de armazenamento, tratamento e disponibilização. O próximo assunto a ser abordado tem o objetivo de discutir em como essas inovações, que são tão marcantes para a evolução do mundo ocidental, afetaram o mundo das bibliotecas, dos profissionais que nela atuam e os novos desafios que elas enfrentarão ou já estão enfrentando.

4.3 Novos desafios das bibliotecas diante da conjuntura contemporânea

Como foi visto anteriormente, as mídias tiveram grande impacto na sociedade ocidental. Tal fato também trouxe muitos questionamentos no ambiente das bibliotecas e centros de informação. Isso se deve ao fato de que inicialmente, na antiguidade, existia um contexto muito rígido quanto a disponibilização e disseminação de informações. As bibliotecas eram apenas frequentadas por religiosos, alguns nobres e aqueles poucos que tinha tal privilégio. A biblioteca tinha algo muito precioso nas mãos: por ser lugar privilegiado de informações, era também lugar de poder.

A abordagem se apoiará na grande transformação trazida pelas novas mídias, principalmente a eletrônica. Pretende-se mostrar, que num futuro próximo, a biblioteca constituída por esses novos meios de difusão da informação visa, a longo prazo, a recomposição de uma memória unificada de todas as mídias. E, de acordo com Baratin e Jacob (2006, p. 156), esse crescimento contínuo acabará por criar uma situação inteiramente nova para o pesquisador, que será induzido a tornar-se seu próprio bibliotecário e documentalista, a renovar sua forma de trabalho, reformular seus objetivos.

O crescimento exponencial da informação não é algo novo. Em todos os segmentos da sociedade, a informação passou a ser elemento-chave e sua disponibilidade tem crescido de maneira significativa, além de ter se estendido ao domínio das letras e ciências humanas. Tal é sua importância que o seu acesso tornou-se indicador incontestável de atualidade, de sintonia com as tendências atuais, um atestado amplamente aceito de aptidão para o futuro, de competência profissional, de eficiência e qualidade.

A intenção de trazer o questionamento de como as formas de disseminar, transmitir e intercambiar informações é perceber que o contexto constituído num passado não muito distante, não desapareceu totalmente, e de acordo com Chartier (2002):

[...] O novo suporte do escrito, não significa o fim do livro ou a morte do leitor. O contrário, talvez. Porém, ele impõe uma redistribuição dos papéis na “economia da escrita”, a concorrência (ou a complementariedade) entre diversos suportes de discursos e uma nova relação, tanto física quanto intelectual e estética, com o mundo dos textos. O texto eletrônico, em todas as suas formas, poderá constituir o que não puderam nem o alfabeto, apesar da virtude democrática que lhe atribuía Vico (1993, 1994), nem a imprensa, apesar da universalidade que lhe reconhecia Condorcet (1988), isto é,

construir a partir do intercâmbio do escrito um espaço público no qual todos possam participar?[...] (CHARTIER, 2002, p. 117-118)

Logo, o constante uso das novas tecnologias nas grandes bibliotecas generalistas vai afastar, mas ao mesmo tempo trazer aproximações com o passado. Os exemplares de papel continuarão a ser consultados, mas a maior parte do trabalho será feita com dados digitalizados. Em compensação, a digitalização desses dados antigos de texto terá relação com o passado, o mesmo efeito que a digitalização de dados de texto, imagem e som, sobre a possibilidade de sua compatibilização hipermidiática (Baratin e Jacob, 2006, p. 161).

A partir desse pressuposto, as bibliotecas devem ser situadas nessas profundas mudanças da cultura escrita. Contudo, segundo Chartier (2002, p. 118), fala que o sonho da biblioteca universal exprimiu por muito o desejo exasperado de capturar, por meio de uma acumulação sem defeito, sem lacuna, todos os textos já escritos, todos os saberes constituídos e a decepção sempre acompanhou essa expectativa de universalidade, visto que todas as coleções, por mais ricas que fossem somente podiam dar uma imagem parcial, mutilada, da exaustividade necessária.

Mas, o papel que essas mudanças pretendem ser na sociedade vigente, também deve ser levado em consideração, pois gerações distintas podem ter visões convergentes ou divergentes acerca de todos esses acontecimentos. Assim, conforme Belluzo (2008), o acesso amplo e irrestrito à informação, mediado pela análise crítica cria a oportunidade de constituição de uma sociedade mais consciente de sua cidadania, capaz de reagir às desigualdades e transformar-se. Além disso, pensar nas consequências previsíveis do uso de dados, de redes e de terminais gráficos informáticos, que pode ser vista implicitamente no seguinte fragmento de Baratin e Jacob:

[...] Os efeitos da imprensa na sociedade e na cultura dos séculos XVI e XVII permitem frequentemente, hoje, imaginar os próximos efeitos da informatização dos suportes de informação. A médio prazo – duas ou três gerações - , a passagem da fala á escrita sugere melhor a sua amplidão. A racionalidade tipográfica aumentou a parte do escrito-visual e reduziu a parte da voz, sem prejudicar a tradição antiga das artes de escrever. A racionalidade informática transforma os discursos. [...] (BARATIN; JACOB, 2006, p. 166)

A multiplicação da produção manuscrita e depois impressa foi logo percebida como um perigo. A proliferação pode tornar-se caos e a abundância, obstáculo ao conhecimento. Para dominá-los, são necessários instrumentos capazes de selecionar, classificar, hierarquizar. E essa rápida evolução das tecnologias de comunicação e informação, constitui-se em um cenário essencialmente pós-moderno, informático, onde o indivíduo percebe certa angústia diante do impacto gerado pela velocidade com que a tecnologia tem evoluído e disponibilizado a informação, através dos meios de comunicação.

Diante desses anseios, entre perda e excesso, a biblioteca de amanhã – ou de hoje – pode desempenhar um papel decisivo. Aparentemente, a revolução eletrônica pareceu significar seu fim. A comunicação à distância dos textos eletrônicos torna pensável, se não possível, a universal disponibilidade do patrimônio escrito, ao mesmo tempo em que não impõe mais a biblioteca como o espaço de conservação e de comunicação desse patrimônio. Qualquer leitor, independente do lugar que esteja, poderia receber qualquer um dos textos que constituem tal biblioteca sem paredes e mesmo sem localização, onde estariam idealmente presentes, de forma digital, todos os livros já produzidos ao longo das eras (Chartier, 2002, p. 119). Isso pode ser visto através de outra perspectiva no pensamento de Jean Phillippe de Tonnac (Eco; Carrière, 2010) quando defende que:

[...] se o livro eletrônico terminar por se impor em detrimento do livro impresso, há poucas razões para que seja capaz de tirá-lo de nossas casas e nossos hábitos. Portanto, o e-book não matará o livro – como Gutenberg e sua genial invenção não suprimiram de um dia para o outro o uso de códices, nem este, o comércio dos rolos de papiros ou volumina. Os usos e costumes coexistem e nada nos apetece mais do alargar o leque dos possíveis. O filme matou o quadro? A televisão, o cinema? Boas – vindas então às pranchetas e periféricos de leitura que nos dão acesso, através de uma única tela, à biblioteca universal doravante digitalizada. (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 7-8)

Essa inovação traz uma nova expectativa para a sociedade da informação e é importante porque segundo Beluzzo (2008) qualquer ato de comunicação se utiliza de uma linguagem constituída de signos e regras que definem a sua organização, visando à produção de sentido entre os integrantes de uma determinada comunidade. Nesse sentido, da mesma forma que os profissionais da informação e os cidadãos precisam saber acessar e usar a informação de forma inteligente, o aprendizado e a compreensão da linguagem existente na mídia em suas múltiplas formas, também tem relevância por ser a expressão do ser humano no espaço multidimensional que ocupa. A

informação representada em mensagens pode ser tecnicamente construída, armazenada e disseminada pelas diferentes formas de linguagem presentes atualmente e de forma acentuada na sociedade contemporânea, sendo a compreensão e o entendimento dessas linguagens muito importante para a produção e a recepção no processo de comunicação e difusão da informação transformada em conhecimento.

No entanto, também é preciso ter olhos para a questão do armazenamento a longo prazo. Conforme Eco e Carrière (2010, p. 23), quando os novos suportes surgiram (como o DVD), supunham-se que os problemas de armazenamento e acessibilidade estariam resolvidos. Pois, acreditava-se que chegaram suportes duráveis. Mas, isso era uma doce ilusão, pois os discos passaram a ter um formato mais reduzido em que era exigida a aquisição de novos aparelhos de leitura, e que poderá conter um número máximo de gravações. Com isso, percebe-se a obsolescências desses suportes modernos.

Eco e Carrière (2010) ainda se referem a questão do armazenamento no seguinte fragmento:

[...] Aliás, esta é uma tendência de nossa época: colecionar o que a tecnologia pelega para descartar. Um amigo meu, cineasta belga, guarda num porão 18 computadores, simplesmente para poder consultar trabalhos antigos. Tudo isso para dizer que não existe mais nada efêmero do que os suportes duráveis. [...] Desencavei na minha biblioteca esse livrinho impresso em latim no fim do século XV, em Paris. Veja, se abrirmos esse incunábulo podemos ler na última página, impresso em francês: [...] ‘estas presentes horas para uso de Roma foram concluídas no vigésimo sétimo dia de setembro do ano de mil quatrocentos e noventa e oito por Jean Poitevin, livreiro, instalado em Paris na rua Neuve-Notre-Dame. [...] Portanto, ainda somos capazes de ler um texto impresso há cinco séculos. Mas somos incapazes de ler, não podemos mais ver, um cassete eletrônico ou um CD-ROM com apenas poucos anos de idade. A menos que guardemos nossos velhos computadores nos porões. [...] (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 24)

Diante dos novos desafios e das novas utilizações possíveis para as novas tecnologias de informação, as bibliotecas e outras unidades de informação devem configurar-se como lugares de redes de sociabilizações perdidas, bem como retomarem sua dimensão educativa. Conforme Chartier (2002, p. 120), a biblioteca deve ser igualmente um instrumento em que os novos leitores poderão encontrar seu caminho dentro do mundo digital que apaga as diferenças entre os tipos e os usos dos textos e que estabele equivalência generalizada entre suas autoridades.

Todavia, não basta somente a disponibilização de variados suportes de informação. Há também que se criarem novos mecanismos educacionais para que sejam devidamente utilizados, diante das circunstâncias específicas e das características intrínsecas a cada meio. A biblioteca deve atentar para as necessidades e desassossegos dos leitores, pois tem condições de desempenhar um papel essencial na aprendizagem dos instrumentos e das técnicas capazes de assegurar, aos menos preparados dos leitores, o domínio das novas formas do escrito (Chartier, 2002, p. 120).

Mesmo com a presença da internet, não desapareceram por si mesmas as dificuldades cognitivas do processo de entrada do escrito, também a comunicação eletrônica dos textos não transmite por si mesma o saber necessário à sua compreensão e utilização. Pelo contrário, o leitor – navegador do digital corre o grande risco de se perder totalmente em arquipélagos textuais (Chartier, 2002, p. 121). Por conseguinte, o acesso à informação deve acompanhar as formas adequadas para instrumentalização dessa informação, bem como dos recursos e conhecimentos necessários à conservação e recuperação de todo esse conteúdo informativo.

Em um mundo em que a leitura se identificou com uma relação pessoal, íntima, privada com o livro, as bibliotecas devem se empenhar em multiplicar as ocasiões e as formas de tomar a palavra ao redor do patrimônio escrito e da criação intelectual e estética. Portanto, a biblioteca do futuro poderia reconstruir ao redor dos livros as sociabilidades que foram perdidas no passado. Para isso, a biblioteca, bem como as demais unidades de informação, deve tornar seus espaços, sejam físicos ou virtuais, mais democráticos, interativos, colaborativos e direcionados às necessidades da comunidade. Assim, enfatizando esses pontos, elas podem contribuir para a construção de um espaço público extenso, na escala da humanidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da imprensa de Gutenberg aos meios de comunicação de massa: uma revolução no conhecimento propôs um olhar sobre a etapa de construção dos meios de comunicação e de informação os quais atualmente exercem significativa influência sobre as pessoas. Esse recorte temporal dá uma dimensão a respeito da evolução da transmissão e disseminação da informação como grande acontecimento da história da humanidade e proporcionou grande crescimento e desenvolvimento de um mundo ocidental heterogêneo, com nações distintas.

As etapas que foram analisadas são identificáveis e importantes no desenrolar desta história. Falou-se de uma etapa oral, a etapa do alfabeto, a etapa dos manuscritos, a etapa da tipografia e a etapa eletrônica, mas essas etapas não possuem pontos exatos de inflexão no tempo. Uma nem sempre substitui totalmente a outra. Podem coexistir em harmonia, e representam menos um modelo linear do que um modelo circular. Apesar de a tradição oral ter uma prioridade cronológica, ela existe hoje mais forte do que nunca. Talvez no futuro ela volte a ter a preeminência que teve no passado.

Pensar num sistema de mídia significa enfatizar a divisão de trabalho entre os diferentes meios de comunicação disponíveis num certo lugar e em um determinado tempo, sem esquecer que as mídias tradicionais e as mídias atuais podem e realmente coexistem, e que diferentes meios de comunicação podem competir entre si ou imitar um ao outro, bem como se complementar. As mudanças no sistema de mídia também são relacionadas a alterações no sistema de transporte, o movimento de mercadorias e pessoas, seja por terra ou água (rio, canal ou mar), além de influenciar as práticas comerciais.

Entretanto, é preciso pensar não somente no que essas novas mídias tecnológicas trazem de bom ou de ruim, e sim, naqueles que vão usá-las. No caso da mídia eletrônica, existe um foco na mudança em que tudo se volta para seus usuários. A biblioteca passa a ser vista com outros olhos, em que a participação e capacidade de intercâmbio desse usuário são fatores importantes a serem considerados. A utilização das novas tecnologias e instrumentos para reunir, compartilhar e

distribuir informação permite o contato com outros usuários através do uso de redes interconectadas e isso potencializa o contexto humano dos relacionamentos.

Além disso, as transformações decorrentes do surgimento da informação virtual (web 2.0) trouxeram consigo um novo contexto que reflete uma transição dos serviços oferecidos pelas bibliotecas tradicionais para serviços que possibilitam a interatividade, a participação e a retroalimentação por parte dos usuários. Então, esse potencial de adição de valor pelos usuários, de cooperação entre os serviços, da geração de grandes bancos de dados que podem se alimentar uns dos outros, traz novas possibilidades de enriquecimento ao trabalho do profissional da informação.

REFERÊNCIAS

BARATIN, Marc. JACOB, Christian. Novas ferramentas, novos problemas. _____ **O poder das bibliotecas**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Cap. 6

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: De Gutenberg à Internet**. 1. ed. Zahar, 2004.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, jan./abr. 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. 1 ed. Ed. UNESP/ Imprensa Oficial, 1998.

CHARTIER, Roger. Morte ou transfiguração do leitor? _____ **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002. Cap. 8.

CHEIDA, Marcel J. Origens da imprensa e dos jornais. **Revista de Estudos de Jornalismo**, Campinas, v. 3 / 4, n. 2, p. 57-81, jul/dez. 2000 – jan./jun 2001.

CIANCONI, Regina. **TICS: Web 2.0 e biblioteca 2.0**. Rio de Janeiro: UFF, 2007. Apresentação em Power Point.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. BELUZZO, Regina Célia Baptista. Educação, informação e tecnologia na sociedade contemporânea: diferenciais á inovação? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.4, n.2, p. 44-51, jul./dez. 2008.

ECO, Humberto. CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GALDEMAN, Henrique. **De Gutenberg á internet: direitos autorais na era digital**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MARTINS, Wilson. A imprensa antes de Gutenberg. _____ **A palavra escrita**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002. Cap. 5.

MCGARRY, Kevin. Armazenamento e transmissão de informações na sociedade. _____ **O contexto dinâmico da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999. Cap. 3.